

# O Livro de Daniel - Número Cento e Sessenta e Um

*O papel de Roma no estabelecimento da visão da profecia bíblica: um exame detalhado do capítulo onze de Daniel*

Jeff Pippenger  
2024-03-27

A visão do capítulo onze de Daniel é o principal ponto de referência para todas as visões da profecia bíblica, e a visão do capítulo onze é estabelecida pelo símbolo de Roma.

E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul; também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão. Daniel 11:14.

Jones aborda o verso anterior da seguinte forma:

Quando os Amorreus tinham enchido a medida de sua iniquidade, seu lugar foi dado a Israel, o povo de Deus. Quando Israel, seguindo o caminho dos gentios, também encheu o cálice da iniquidade, Deus suscitou o reino da Babilônia e levou tudo. Quando a Babilônia encheu o cálice de sua iniquidade, o poder foi transferido para a Pérsia. E, quando o anjo foi afastado pela maldade dos persas, então vem o príncipe da Grécia e o varre.

E por quanto tempo deveria continuar o poder da Grécia? Quando haveria de ser quebrado? “Quando os transgressores tiverem chegado ao cúmulo.” Essa nação permanece até que tenha enchido a medida de sua iniquidade, e então o poder é transferido para outro reino. Esse poder, para o qual foi transferido, foi o poder romano, como aprendemos em Daniel 11:14. “E naqueles tempos muitos se levantarão contra o rei do sul; também os ladrões do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão.” Essa nação é apontada como uma nação de ladrões — filhos de ladrões, como diz a margem do texto.

"Estes são aqueles a quem o reino é agora dado, e para quê? — 'Os filhos de salteadores se exaltarão para estabelecer a visão.' Quando esta nação entra em cena, então entra aquilo que estabelece a visão, aquilo que é um grande objeto da visão, o principal marco na linha da visão que Deus tem dado por meio dos profetas para todos os tempos." A. T. Jones, *O Ano Colombino e o Significado dos Quatro Séculos*, 6.

Jones diz que, quando o poder romano "entra em cena, então entra aquilo que estabelece a" ... "linha de visão que Deus deu por meio dos profetas para todos os tempos." Na história de Miller, os protestantes ensinaram, como o Adventismo de Laodiceia faz agora, que os salteadores do teu povo representam Antíoco Epifânio, um rei selêucida que governou de 175 a 164 a.C. Ele era membro da dinastia selêucida, que foi um dos estados gregos sucessores que surgiram da fragmentação do império de Alexandre, o Grande. A discordância sobre essa questão foi tão específica na história milerita que a identificação de Antíoco Epifânio está representada no quadro pioneiro de 1843.

A referência a Antíoco no gráfico representa a única referência a algo que não se encontra na Palavra profética de Deus. Ela está ali para refutar os falsos ensinamentos dos protestantes daquele período, os quais agora constituem o falso ensino do adventismo laodiceano. É duvidoso que William Miller compreendesse a profundidade da importância de se entender que Roma é o poder terreno que estabelece a “linha de visão que Deus deu por meio dos profetas para todo o tempo”, mas isso era suficientemente claro para defender de modo cabal o fato de que Roma estabelece a visão.

Onde não há visão, o povo perece: mas quem guarda a lei é feliz. Provérbios 28:14.

Salomão escreveu que, onde não há visão, o povo perece, e a palavra hebraica "visão", no versículo quatorze, é a mesma usada no provérbio de Salomão. A visão é uma questão de vida ou morte, e a "visão" é estabelecida pelo símbolo de Roma. A palavra "visão", no versículo quatorze, é a mesma usada para visão em Habacuque, capítulo dois.

Ficarei de sentinela e me colocarei sobre a torre; vigiarei para ver o que ele me dirá e o que responderei quando for repreendido. E o Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão e torna-a bem clara em tábuas, para que corra quem a lê. Porque a visão ainda é para o tempo determinado; no fim falará e não mentirá. Ainda que demore, espera por ela, porque certamente virá; não tardará. Habacuque 2:1-3.

A palavra "reproved" no versículo um significa "discutiu com". William Miller foi o atalaia que foi posto na torre na história do movimento do primeiro e do segundo anjo, e, quando, em simbolismo profético, ele perguntou o que deveria responder no debate de sua história, foi-lhe dito que escrevesse a visão, a qual é estabelecida pelo símbolo de Roma. Em consonância com esse fato, quando os mileritas produziram o quadro pioneiro de 1843, em cumprimento desses três versículos de Habacuque, eles fizeram referência ao próprio cerne do debate em que se engajaram. Sem dúvida, eles não entenderam que sua referência ao argumento tolo de que Antíoco Epifânio era o poder que estabeleceu a visão representa o debate do capítulo dois de Habacuque, mas a Irmã White disse que aquele quadro foi "dirigido pela mão do Senhor, e não deveria ser alterado", portanto, a referência ao debate no quadro veio da mão de Deus.

Os mileritas chegaram à correta compreensão de que o primeiro desapontamento, em 19 de abril de 1844, deu início ao tempo de demora, mencionado por Habacuque e também na parábola das dez virgens em Mateus. Também vieram a compreender que essas duas profecias estavam diretamente ligadas a Ezequiel capítulo doze, onde Ezequiel identifica um período de tempo em que o efeito de toda a visão ocorrerá. Essa palavra “visão” é a mesma palavra hebraica que agora estamos considerando. É por isso que Jones está correto quando afirma: “Quando” Roma “entra em cena, então entra aquilo que estabelece a visão, aquilo que é um grande objeto da visão, o principal marco na linha da visão que Deus deu por meio dos profetas para todos os tempos.” Roma estabelece toda a visão da Palavra profética de Deus e, mais especificamente, é sobre Roma que toda a estrutura do capítulo onze está edificada.

Quando a Irmã White se refere ao cumprimento final do capítulo onze de Daniel e declara que “muita da história que ocorreu em cumprimento desta profecia se repetirá”, ela está identificando

que as histórias do capítulo onze que já haviam sido cumpridas tipificavam os versículos finais do capítulo onze de Daniel. O tema dos versículos finais do capítulo onze é o rei do norte, que ali representa a Roma moderna. Portanto, as histórias de Daniel capítulo onze que se repetem são histórias que representam Roma.

Nos últimos seis versículos do capítulo onze, a Roma moderna (o rei do norte) conquista três poderes geográficos. No versículo quarenta, ela conquista o rei do sul (a antiga União Soviética em 1989), a terra gloriosa (os Estados Unidos por ocasião da iminente lei dominical) e o Egito (o mundo inteiro, representado pelas Nações Unidas). Em Daniel onze, a Roma pagã é representada como conquistando três poderes geográficos para capturar o mundo então conhecido, e depois a Roma papal é representada como conquistando três poderes geográficos para capturar a Terra.

A Roma pagã é mencionada pela primeira vez no capítulo no versículo quatorze, a fim de identificá-la como o símbolo que estabelece a visão, mas sua ascensão ao poder não é abordada até o versículo dezesseis. O reino de Alexandre, o Grande, foi dividido em quatro partes em cumprimento da Palavra profética de Deus, mas essas quatro partes rapidamente se consolidaram em dois antagonistas principais, os quais são identificados, na narrativa profética que prossegue até a conclusão do capítulo, como o rei do sul ou o rei do norte. No versículo quatorze, o crescente poder de Roma é mencionado como o poder que estabeleceria a visão, mas os assuntos que estão sendo tratados são as lutas entre os remanescentes do reino de Alexandre, conforme representados pelos reis do norte e do sul.

No versículo quinze, aqueles dois reis ainda estão envolvidos em sua luta, e o rei do norte está prevalecendo. Mas no versículo dezesseis Roma chega e o versículo diz: "Mas aquele que vier contra ele", significando que, quando Roma vier contra o rei do norte, que acabara de prevalecer sobre o rei do sul, o rei do norte será incapaz de resistir a Roma. Roma prevalece e, no versículo dezesseis, Roma também havia de firmar-se na terra gloriosa de Judá. No versículo dezessete Roma "pôrã o seu rosto para entrar com a força de todo o seu reino." Ele tomou o rei do norte, que não pôde resistir diante dele; depois tomou Judá, e então entrou no Egito.

E, naqueles tempos, muitos se levantarão contra o rei do sul; também os saqueadores do teu povo se exaltarão para confirmar a visão; mas cairão. Então virá o rei do norte, levantará rampas de cerco e tomará as cidades mais fortificadas; e as forças do sul não poderão resistir, nem os seus escolhidos, nem haverá força para resistir. O que vier contra ele fará segundo a sua vontade, e ninguém poderá resistir-lhe; estará na terra gloriosa, a qual será consumida por sua mão. Também voltará o rosto para entrar com a força de todo o seu reino, e com ele os justos; assim o fará: dar-lhe-á a filha das mulheres, corrompendo-a; porém ela não ficará ao seu lado, nem será por ele. Daniel 11:14-17.

A conquista ilustrada nestes versículos é um cumprimento do capítulo oito de Daniel.

E de um deles saiu um pequeno chifre, que se engrandeceu sobremaneira, para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa. Daniel 8:9.

O pequeno chifre do versículo nove é a Roma pagã, e o versículo nove identifica, em concordância com os versículos quatorze a dezessete do capítulo onze, que a Roma pagã conquistaria três

entidades geográficas à medida que assumia o controle do mundo. Essas entidades eram o sul (Egito), o oriente (Síria, o rei do norte) e a terra aprazível (Judá). A história dos versículos dezesseis e dezessete tipifica a conquista histórica em três etapas da Roma moderna nos versículos quarenta a quarenta e três, pois, como afirmou a Irmã White, "Muito da história que ocorreu em cumprimento desta profecia se repetirá."

“Embora o Egito não pudesse resistir a Antíoco, o rei do Norte, Antíoco não pôde resistir aos romanos, que então vieram contra ele. Nenhum reino era mais capaz de resistir a esse poder ascendente. A Síria foi conquistada e acrescentada ao Império Romano quando Pompeu, em 65 a.C., privou Antíoco Asiático de seus domínios e reduziu a Síria a uma província romana.

“O mesmo poder também haveria de estabelecer-se na Terra Santa e consumi-la. Roma veio a ligar-se ao povo de Deus, os judeus, por aliança, em 162 a.C., data a partir da qual ocupa um lugar de destaque no calendário profético. Não adquiriu, porém, jurisdição sobre a Judeia por conquista efetiva senão em 63 a.C.; e então da seguinte maneira.”

No retorno de Pompeu de sua expedição contra Mitrídates, rei do Ponto, dois pretendentes, Hircano e Aristóbulo, disputavam a coroa da Judeia. Sua causa foi levada a Pompeu, que logo percebeu a injustiça das pretensões de Aristóbulo, mas quis adiar a decisão sobre o assunto até depois de sua tão desejada expedição à Arábia, prometendo então retornar e resolver seus assuntos conforme parecesse justo e apropriado. Aristóbulo, sondando os reais sentimentos de Pompeu, apressou-se de volta à Judeia, armou seus súditos e preparou uma defesa vigorosa, determinado, a todo custo, a manter a coroa, que antevia que seria atribuída a outro. Pompeu seguiu de perto o fugitivo. Quando Pompeu se aproximava de Jerusalém, Aristóbulo, começando a arrepender-se de sua conduta, saiu ao seu encontro e tentou acomodar a situação, prometendo total submissão e grandes somas de dinheiro. Pompeu, aceitando essa oferta, enviou Gabínio, à frente de um destacamento de soldados, para receber o dinheiro. Mas, quando esse tenente-general chegou a Jerusalém, encontrou os portões fechados contra ele e foi informado, do alto dos muros, que a cidade não cumpriria o acordo.

Pompeu, para não ser enganado impunemente dessa maneira, pôs Aristóbulo, que mantivera consigo, em grilhões e marchou imediatamente contra Jerusalém com todo o seu exército. Os partidários de Aristóbulo eram pela defesa da praça; os de Hircano, por abrir as portas. Estando estes em maioria, e prevalecendo, foi franqueada a Pompeu a entrada na cidade. Diante disso, os aderentes de Aristóbulo retiraram-se para o Monte do Templo, tão decididos a defender aquele lugar quanto Pompeu a reduzi-lo. Ao fim de três meses, foi aberta uma brecha na muralha, suficiente para um assalto, e a praça foi tomada à ponta da espada. Na terrível mortandade que se seguiu, doze mil pessoas foram mortas. Foi um espetáculo comovente, observa o historiador, ver os sacerdotes, empenhados naquele momento no serviço divino, com mão serena e propósito firme prosseguirem o seu trabalho habitual, aparentemente inconscientes do tumulto furioso, embora, à sua volta, seus amigos fossem passados ao fio da espada, e embora muitas vezes o seu próprio sangue se misturasse com o dos seus sacrifícios.

Tendo posto fim à guerra, Pompeu demoliu as muralhas de Jerusalém, transferiu várias cidades da jurisdição da Judeia para a da Síria e impôs tributo aos judeus. Assim, pela primeira vez, Jerusalém foi colocada, por conquista, nas mãos daquele poder que haveria de manter a terra

gloriosa' em sua férrea garra até que a tivesse consumido por completo.

'VERSO 17. Ele também se determinará a entrar com a força de todo o seu reino, e homens íntegros com ele; assim fará: e dar-lhe-á a filha das mulheres, corrompendo-a; mas ela não permanecerá do lado dele, nem será a favor dele.'

O bispo Newton apresenta outra leitura para este versículo, que parece expressar mais claramente o sentido, como segue: 'Ele também voltará o seu rosto para entrar à força em todo o reino.' O versículo 16 nos levou até a conquista da Síria e da Judeia pelos romanos. Roma já havia conquistado a Macedônia e a Trácia. O Egito era agora tudo o que restava do 'reino inteiro' de Alexandre, que ainda não havia sido submetido ao poder romano, poder esse que agora voltou o rosto para entrar à força naquele país. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 258-260.

Já observamos, mais de uma vez nestes artigos, como os versículos trinta e trinta e um de Daniel onze se alinham com os versículos quarenta e quarenta e um, e a história dos versículos trinta e trinta e um também se alinha com o arrancamento de três chifres.

Considerarei os chifres, e eis que entre eles surgiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados pela raiz; e eis que, nesse chifre, havia olhos como olhos de homem e uma boca que falava grandes coisas. . . . E dos dez chifres que estavam na sua cabeça, e do outro que surgiu, diante do qual três caíram; sim, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que proferia coisas sobremodo grandes, cujo aspecto era mais imponente do que o dos seus companheiros. Daniel 7:8, 20.

Assim como Daniel, capítulo oito, versículo nove, representa as três áreas geográficas de conquista que estabeleceram a Roma pagã no trono, também o arrancamento dos chifres (representando os Hérulos, Ostrogodos e Vândalos) representou as três áreas geográficas de conquista que estabeleceram a Roma papal no trono. Ambas essas histórias se alinham com os versículos quarenta a quarenta e três de Daniel onze, e o arrancamento dos três chifres se alinha com a história dos versículos trinta e trinta e um.

'VERSÍCULO 8. Considerarei os chifres, e eis que surgiu entre eles outro pequeno chifre, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados pela raiz; e eis que, nesse chifre, havia olhos como olhos de homem e uma boca que falava grandes coisas.'

Daniel considerou os chifres. Sinais de um movimento estranho apareceram entre eles. Um chifre pequeno (a princípio pequeno, mas depois mais robusto do que os demais) ergueu-se entre eles. Não se contentou em encontrar tranquilamente um lugar próprio e ocupá-lo; tinha de empurrar alguns dos outros para o lado e usurpar os seus lugares. Três reinos foram arrancados diante dele. Esse chifre pequeno, como teremos ocasião de notar mais plenamente adiante, era o papado. Os três chifres arrancados diante dele foram os Hérulos, os Ostrogodos e os Vândalos. E a razão por que foram arrancados foi que se opunham ao ensino e às pretensões da hierarquia papal e, portanto, à supremacia, na igreja, do bispo de Roma.

"E 'neste chifre havia olhos como os olhos de um homem, e uma boca que falava grandes coisas', os olhos, um emblema adequado da sagacidade, perspicácia, astúcia e previsão da

hierarquia papal; e a boca que falava grandes coisas, um símbolo adequado das pretensões arrogantes dos bispos de Roma." Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 132-134.

É Roma que estabelece a visão da profecia bíblica, e especialmente a visão de Daniel capítulo onze. Nesse capítulo, grande parte da história profética que havia sido cumprida antes do movimento milerita deveria repetir-se nos últimos seis versículos de Daniel onze. A conquista de três obstáculos geográficos, que estabeleceu tanto a Roma pagã quanto a Roma papal sobre o trono, está representada no capítulo onze, e essas duas representações tipificam o tempo em que a Roma moderna é novamente estabelecida sobre o trono. É Roma que estabelece a visão, e Paulo identifica que essa Roma papal é revelada em seu tempo.

Ninguém de modo algum vos engane; porque aquele dia não virá sem que primeiro venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou é objeto de culto; de sorte que ele, como Deus, se assenta no templo de Deus, mostrando-se como Deus. Não vos lembrais de que, estando ainda convosco, vos dizia estas coisas? E agora sabeis o que o detém, para que a seu tempo seja revelado. 2 Tessalonicenses 2:3-6.

O papado assumiu o trono como o quinto reino da profecia bíblica no ano 538, e muitos que consideram o versículo seis sem dúvida presumiriam que Paulo quer dizer que "o Papado seria revelado em 538". Isso pode estar correto, mas é no mínimo uma verdade secundária do que Paulo estava identificando. Paulo, como todos os profetas, está falando mais sobre os últimos dias do que sobre o seu próprio período. Ele se referia a como o papado seria revelado profeticamente, pois, como profeta, estava de acordo com todos os outros profetas. Linha sobre linha, os que não têm a visão perecem, e os que não têm a visão não a têm porque não sabem o que estabelece a visão. Saber que Roma estabelece a visão é uma questão de vida ou morte. Paulo, de acordo com os outros profetas, está identificando que o que revela a Roma papal, que é a Roma dos últimos dias, é "o seu tempo". O "tempo" profético associado a Roma é o que revela o que e quem é Roma.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

O apóstolo Paulo, em sua segunda carta aos Tessalonicenses, predisse a grande apostasia que resultaria no estabelecimento do poder papal. Ele declarou que o dia de Cristo não viria, 'a não ser que venha primeiro a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou que é adorado; de modo que ele, como Deus, se assenta no templo de Deus, apresentando-se como Deus.' E, além disso, o apóstolo adverte seus irmãos de que 'o mistério da iniquidade já opera.' 2 Tessalonicenses 2:3, 4, 7. Já naquela época ele via erros infiltrando-se na igreja, que preparariam o caminho para o desenvolvimento do papado.

Pouco a pouco, a princípio furtivamente e em silêncio, e depois mais abertamente, à medida que aumentava em força e ganhava domínio sobre as mentes dos homens, 'o mistério da iniquidade' prosseguiu com sua obra enganosa e blasfema. Quase imperceptivelmente, os costumes do paganismo penetraram na igreja cristã. O espírito de compromisso e conformidade foi refreado por algum tempo pelas ferozes perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, quando a perseguição cessou, e o cristianismo entrou nas cortes e nos

palácios dos reis, ela deixou de lado a humilde simplicidade de Cristo e de Seus apóstolos pela pompa e orgulho de sacerdotes e governantes pagãos; e, em lugar das exigências de Deus, colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, no início do século IV, causou grande regozijo; e o mundo, revestido de uma aparência de justiça, entrou na igreja. Agora a obra de corrupção progrediu rapidamente. O paganismo, embora parecesse derrotado, tornou-se o vencedor. Seu espírito passou a controlar a igreja. Suas doutrinas, cerimônias e superstições foram incorporadas à fé e ao culto dos seguidores professos de Cristo.

"Esse compromisso entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do 'homem do pecado', predito pela profecia como alguém que se opõe e se exalta acima de Deus. Esse gigantesco sistema de falsa religião é uma obra-prima do poder de Satanás — um monumento de seus esforços para assentar-se no trono e governar a terra de acordo com a sua vontade." O Grande Conflito, 49, 50.